

♪

♪ [vinheta] ♪

[IGNACIO] A literatura
é emoção e sensação.

[MAR AL] Eu digo que a
minha matriz é a rua.

[ADELIA] Ter um estilo é limite.

[BARTOLOMEU] Eu acho que é
impossível viver sem ler.

[MUTARELLI] Tem muito de
mim em tudo que eu falo.

[MARCELINO] Dói, eu escrevo.

[TEZZA] O ato de
escrever vai te

dizendo também, um
pouco, quem você é.

[MARCELINO] "Vi o meu amor pelos
ares, em Moabe, sei lá, Alibaba.

Cazaquistão, coro de pele, o
coração. Ismael, filho de

Abraão, neto de Abimeleque, a
saber. Fui eu fazer turismo

e deu no que deu. Pegamos o
mesmo ônibus, há dias pegávamos

o mesmo ônibus. Reparei nele,
aquele olho negro, escuridão

ao sol, nós dois na mesma
direção. Eu sou muito rápido

para me apaixonar. Meu
Senhor, deste novo amor, o

que será? Meu homem em
Jessé, Moabe, esquece,

coração suando frio.
Confusão, essa minha língua

sem razão. Tudo uma explosão,
isso mesmo, inacreditavelmente,

uma praga que aconteceu de
repente, como uma peste de

dilúvio, uma assombração. Meu
Cristo, Jesus. Sim, sou eu

mesmo, filho de Abraão,
pela serva de Agar".

♪

[MARCELINO] Eu nasci em uma
cidade chamada Sertânia,

fica no sertão de Pernambuco.
Eu costumo dizer que

eu não nasci, eu escapei.
[risos]

[MARCELINO] Nasci no ano de
1967. Sou o caçula de uma

família de 9 filhos, então
naquela época, para você

sobreviver ali era danado, né?
E aí a minha mãe, cansada,

exatamente, de trabalhar tanto,
de correr, e aí ela foi com a

família toda para Paulo Afonso,
na Bahia. A minha lembrança não

é nem de seca, é de muita
água, porque eu cheguei

em Paulo Afonso com três
anos de idade, eles

faziam um passeio no domingo,
levava para a cachoeira de Paulo

Afonso e tal. Eu lembro de muita
água e tinha muito medo. Depois,

quando eu estava com 8
anos de idade, as coisas

também não estavam muito
boas em Paulo Afonso, aí

minha mãe foi com os filhos
todos para Recife. Cheguei em

Recife com 8 anos de idade,
fiquei lá a infância e a

adolescência, e estou em São

Paulo desde 91. Cheguei

em São Paulo com 23 anos,
mas é isso. Essa infância

meio deslocada, quando
eu achava que ia

ficar em Sertânia fui
para Paulo Afonso,

quando achava que ia ficar em
Paulo Afonso, fui para o Recife,

quando achava que ia ficar em
Recife, vim parar em São Paulo.

♪

[MARCELINO] Com 9 anos de idade
eu comecei fazendo teatro.

Não sei por que, achei bonito,
achei que "Não, eu quero

ser ator", mas aí quando eu
cheguei lá, eu tive contato

com textos criativos, primeiros
textos com os quais eu tive

contato, esses textos criativos,
foi com texto teatral.

Aí eu comecei escrevendo
para teatro muito novo, com

10, 11, 12 anos, muito
novinho, escrevi umas pecinhas

bobas. E no Recife, eu me
deparei com essa idade também,

uns 10 anos de idade, com a
poesia do Manoel Bandeira.

Eu li um poema do Manoel
Bandeira no livro do meu irmão e

achei aquilo fantástico.
Achei bonito.

[MARCELINO] Me apaixonei! E
aí eu de repente descobri

que eu queria ser Manoel
Bandeira. Era, porque

ele dizia assim: "Criou-me,
desde menino, para

arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia saúde...

Fiz-me arquiteto? Não pude! Sou
poeta menor, perdoai!". E eu

acho, inconscientemente,
que quando eu me deparei

com esse poema do Bandeira
e quando ele falava

isso, na verdade quando
minha mãe lutava para que

pelo menos os mais novos
estudassem, era a grande

luta dela, não era para estudar
para ser poeta. Nenhuma mãe

quer que seu filho seja poeta!
É ser arquiteto,

médico, advogado. Ela queria
a salvação financeira da

família. Ela queria estabilidade
da família. E quando eu me

deparei com aquele poeta
doente, sempre à sombra

da morte, dizendo que não
queria ser arquiteto,

e descobri que ele era
pernambucano e que ele

falava de ruas que eu
conhecia, Rua da união,

Capibaribe, o rio Capibaribe,
eu digo: "Eu posso

ser este poeta! Eu posso
ser doente igual o Manoel

Bandeira. Eu não tenho saúde a
oferecer pra ninguém".

Então eu me encontrei. Parece
que ali, a partir dali,

comecei a inventar umas

tosses, inventava umas

tosses... e aí a partir
do Manoel Bandeira eu

descobri outros poetas,
como João Cabral, descobri

o Drummond, descobri o Mário de
Andrade, e aí fui escrevendo

minhas primeiras poesias,
fazendo teatro, mas

sentindo que a minha vocação,
o que eu gostaria de

trilhar, era o caminho da arte,
era o caminho da doença. Era o

caminho da doença. Os
grandes artistas nos deixam

doentes, eles não estão com
a obrigação de saúde, eles

nos deixam cabisbaixos, eles
nos deixam, eles tiram o

chão para a gente exatamente
reconstruir.

Eles nos limpam, né? Eles nos
limpam. Eles fazem uma limpeza

para que a gente possa entender
um pouco o mundo, né,

uma forma mais teimosa. Aprendi
com minha mãe a teimosia, porque

ela foi muito teimosa por ter
saído de Sertânia, né. Aprendi

também com esses artistas
todos a teimosia. A luta

do Manoel Bandeira contra
a morte, o homem que

viveu à sombra da morte a vida
inteira e morreu com 82 anos.

[MARCELINO] Comecei escrevendo
para teatro, comecei

produzindo peça para
teatro, comecei escrevendo

uns contos. Eu fiz uma
oficina de literatura com o
Raimundo Carreiro, ainda em
Pernambuco, em uma época
em que eu queria conhecer
os escritores de lá. Aí fiz
uma oficina de literatura
com o Raimundo Carreiro,
queria escrever meus
primeiros contos. Ganhei um
concurso de contos lá no
Recife, que dava direito à
publicação do livro, mas eu
disse: "Ah, eu não vou...",
era uma complicação, uma
burocracia imensa, eu já estava
indo morar em São Paulo,
acabei não esperando por
esse livro, então nunca
tive muita paciência com editor.
O primeiro editor,
ainda no Recife, que me disse
"Não", eu disse a ele: "Tem
o direito de dizer não
para mim, mas eu não tenho
o direito de dizer não
para mim". Então eu vim para
São Paulo para publicar
os meus livros, para conhecer
escritores, até para
voltar a escrever para teatro
e tal. Cheguei em 91 em
São Paulo. Só fiz trabalhar
em São Paulo. Eu trabalhava
como revisor em uma agência
de propaganda em
São Paulo, já trabalhava como
revisor no Recife, comecei

com trabalho de banco,
trabalhei como office-boy,
escriturário e depois revisor.
E aí fui trabalhar,

procurar editoras e agências
de propaganda em São

Paulo. E o curioso é que eu
sempre procurava trabalho

na Avenida Paulista,
porque todo mundo dizia

"Avenida Paulista é onde
as coisas acontecem, então

eu quero estar aonde as
coisas acontecem!", eu já

vim de longe, não vim, por
que eu vou ficar longe?

Então eu ficava procurando.
Procurava trabalho só na

Avenida Paulista. Isso é um
nordestino metido danado, né?

Aí eu ficava procurando
ali na Avenida Paulista

ou nas imediações ali.
Consegui trabalhar na Avenida

Paulista, em uma agência
de propaganda. Consegui

porque eu quis, entendeu?
Porque isso modifica as

coisas. A minha mãe não quis
sair de onde saiu? A gente

tem que querer as
coisas, não é não?

Aí eu me teimava, ficava
ali um mês e consegui

trabalhar em agência de
propaganda. Mas aí São Paulo

tem aquele movimento maluco
e eu só fazia trabalhar

muito, eu fui me cansando

um pouco e eu digo: "Cadê o
sonho?", a gente não pode
perder, né, o sonho, a

vontade que você tem de
construir uma outra coisa.

♪

[MARCELINO] Quando eu fiz o meu
primeiro livro, exatamente

não contente com o caminho
que a minha vida estava

levando, né. "Então eu disse:
Eu vou fazer o meu livro", ao

invés de eu ficar reclamando,
virar uma pessoa rancorosa,

que veio para uma carreira
literária, isso, e não tentou,

só fez trabalhar. Eu digo:
"Vou fazer o meu próprio

livro". Eu trabalhava em uma
agência de propaganda, o meu

livro estava pronto ali, porque
tinha os computadores, o

protográfico, eu mesmo fiz o meu
próprio livro, meu primeiro

livro, que é um livro péssimo,
é horrível. É um livro que

serviu mais para exorcizar
aqueles textos da gaveta.

Que os textos olhando pra você
dentro de uma gaveta é triste,

porque você não vai pra frente,
né, você não dá o passo

seguinte. Mas foi importante
para eu exatamente tirar esses

textos da gaveta. Fiz esse
primeiro livro, lancei em

São Paulo, lancei no Recife,
pagou, esse livro pagou os

custos, assim, ele não teve
prejuízo, foi ótimo. Depois eu

estava preparando o lançamento,
isso por conta própria,

daí veio o selo eraOdito, daí
veio o livro "eraOdito", que

é o livro de frases que eu fiz
para ajudar na publicação

de um outro livro chamado "Angu
de Sangue". Aí quando eu

estava preparando o "Angu de
Sangue", apareceu o crítico

literário João Alexandre
Barbosa, famoso crítico

literário, muito
conhecido, um dos grandes

conhecedores da obra do João
Cabral. E aí ele conheceu

um texto meu e me indicou para
uma editora, para a Ateliê

Editorial, não só me indicou
para a editora, como escreveu

o prefácio do livro, como
publicou esse prefácio na

revista Cult, e daí o livro teve
uma carreira, assim, muito

curiosa, assim, muito
estimulante. Daí fui publicando

pela Ateliê "Balé Ralé", fui
caminhando. Como eu não escrevo

livro todo ano, eu não publico
livro de ano em ano, então entre

um livro e outro eu também
costumo exercitar um pouco meu

lado de agitador cultural,
porque eu acredito que o

escritor não pode ser só
aquele... o escritor brasileiro,

contemporâneo, escreve aquilo

ali e já se sente o dono da

cocada preta, parece que nem,
entendeu, já chegou no Olimpo.

O "Contos Negreiros", de 2005
ganhou o Jabuti em 2006. Eu não

posso me sentir Jabuti, eu não
posso me sentir, como é que

eu diria? Já na consagração.
Consagração onde? Em que país

nós estamos, que leitores que
nós temos? Então o tempo inteiro

eu estou exercitando o meu lado
amador também, fazendo projetos,

participando de antologias,
organizando eventos. Eu não me

contenho. É um vexame o que
me move. Eu tenho um vexame

básico, que é importante, é
importante para a criação,

para o movimento, né. Eu não
escrevo com tanta frequência,

eu não gosto dessa imagem
do escritor na redoma.

Eu comecei, uma vez, a acordar
cedo para começar a escrever,

ter um hábito de escrever
todo dia. Aí eu comecei a

acordar, tirei umas férias, um
mês, aí acordava 9 da manhã,

escrevia até meio-dia. Foi
legal a fase. Aí no outro dia

a mesma coisa, no outro dia
a mesma coisa... teve uma

hora que eu digo: "Pera aí,
parece que eu estou batendo

ponto para escrever". Eu não
consigo anotar coisas, porque

eu perco o papel. Eu perco o
papel. Eu comecei a anotar,

eu ouvia uma frase na rua,
aí eu anotava aquela frase.

Parecia que eu estava
fotografando, burocratizando os

sentimentos, assim, o tempo
inteiro. Como as pessoas hoje

saem com o celular e começa a
fotografar tudo. Não param para

olhar o pôr do sol. Então eu
comecei a perceber que eu

estava burocratizando. Eu
ouvia uma frase, e eu: "Não".

Eu, em certo momento, eu
abandonei isso e digo: "Eu vou

jogar tudo no esquecimento,
porque se isso for importante

eu lembro". Se aquela frase
de fato me tocou, eu lembro.

♪ [vinheta] ♪

♪ [vinheta] ♪

[MARCELINO] "Não solto pomba
nenhuma não, senhor. Não venha

me pedir para eu chorar mais.
Secou. A paz é uma desgraça.

Uma desgraça. Carregar essa
rosa. Boba na mão. Nada a ver.

Vou não. Não vou fazer essa
cara. Chapada. Não vou rezar.

Eu é que não vou tomar a praça.
Nessa multidão. A paz não

resolve nada. A paz marcha. Para
onde marcha? A paz é bonita

na televisão. Viu aquela atriz?
No trio elétrico, aquele ator?

Se quiser, vá você, diacho.
Eu é que não vou. Atirar uma

lágrima. A paz é muito
organizada. Muito certinha,

tadinha. A paz tem hora marcada.
Vem governador participar.

E prefeito. E senador. E
até jogador. Vou não".

[MARCELINO] Eu escrevo porque
eu escuto. Eu gosto de

escutar. Eu escrevo porque eu
quero me vingar. Eu escrevo

porque eu quero me vingar
de um governo, de um país,

de um amor que foi embora.
Quero me vingar! De uma

saudade... e motivos não faltam
para você se vingar.

Abra o ouvido, abra o olho para
ver o que tem motivo para

você escrever. Então eu
tenho que ter uma primeira

frase, eu tenho que ter uma
frase, porque eu não tenho

história, eu vou construindo
a história a partir daquela

frase. É como fazer música.
Por isso que os meus

textos são cordelizados,
são meio cantados. A casa

nordestina é muito barulhenta.
Barulhenta no bom sentido,

é muito cheia de sons. A minha
mãe já acorda cantando.

Quando ela está com dinheiro,
até hoje, ela está com

85 anos, mora no Recife, até
hoje ela acorda cantando.

Se ela tá com dinheiro,
ela canta. Digo: "A velha

tá com dinheiro", ela fica
cantando Luiz Gonzaga na

cozinha, sabe? Quando ela tá
sem dinheiro, aquele aperrio

todo, ela bate na panela,
ela chuta a galinha, sabe?

Ela não se contém. Então
de alguma forma o que eu

escrevo é batendo panela no
juízo do leitor. Eu tenho

esses sons, essas perturbações,
essa movimentação da

casa. Eu escrevo dentro
desses sons, assim.

Urgência, vingança, urgência.
Eu não sou... as pessoas podem

me acusar de tudo, menos de que
eu seja frígido. Eu não

sou um escritor frígido.
Eu não sou um escritor que

mora em Paris e está comendo
croissant, e o mundo à sua

volta se acabando. Nosso
mundo tá doente, tá ruim o

negócio. Então eu sou um
escritor do meu tempo.

Infelizmente o meu tempo está
dessa maneira. Então eu de

alguma forma exorcizo, eu
quero me vingar, eu quero

entender esse meu tempo. Eu
quero saber onde, por que as

coisas estão da maneira que
estão. "Ah, mas você escreve

muito sobre violência",
eu escrevo sob violência.

Sob. Eu sofro, eu sou afetado
por isso. Eu não consigo

estar alheio a isso. Então,
de alguma forma, os meus

textos repercutem isso. Eu

gostaria muito de escrever,
cá pra nós, sobre outros
assuntos, outros assuntos.
Não consigo, porque quando
eu estou escrevendo sobre
outros assuntos ali, o
devaneio, coisas mais leves,
aí vem a realidade a toda
hora cobrar, eu não digo o
meu compromisso, mas o meu
ouvido, não é, cobrar o meu
ouvido. Falam muito também
"Por que você escreve sobre
pessoas malsucedidas?",
pessoas bem-sucedidas não me
interessam. Quem está preocupado
com gente bem-sucedida
é escritor de livro de
autoajuda. Quando ele não
está preocupado com gente
bem-sucedida, ele está vendendo
felicidade, "Seja feliz
em dez lições", quando a
vida só precisa de meia
rasteirinha para te... "Como
ganhar dinheiro em dez lições",
você já começa a perder
dinheiro comprando um livro
desse. Não é? Então quem
quiser felicidade, alguma
coisa, procura outro livro.
Por isso que eu acho que a
literatura é tão rica!
Te incentiva a procurar outros
autores, não vá procurar por
mim. Os artistas que me
desconsertaram, me ajudaram
muito a viver, a teimar. O
Manoel Bandeira, Graciliano

Ramos, João Cabral de Melo
Neto, Julio Cortázar,

escritor argentino
importantíssimo. Eu gosto dos

cinemas viscerais também,
você vai para um cinema... eu

lembro quando eu assisti
"Laranja Mecânica", aquilo me

desconcertou. Eu gosto das
coisas que tirem todas as minhas

convicções, que eu possa
reformular o meu pensamento.

Eu gosto muito do artista
que diz logo o que quer e

vai embora, entendeu? Não
encha o saco do leitor.

[MARCELINO] Eu gosto muito de
pensar o escritor também como um

agente transformador, interferir
na geografia das coisas. Jogar

pedras na paisagem, como
diz Manoel de Barros.

Então se eu escrevo um livro de
três em três anos, está lá com

meu livro, a minha obra está
ali, terminou, não escrevo

tanto, então vamos fazer outros
projetos. Aí eu faço uma

antologia, organizo a Balada
Literária. Agora me pergunte,

como é que eu faço esses
eventos? Enquanto outras pessoas

fazem com um milhão, eu faço com
humilhação, porque eu vou lá e

peço, eu ligo para os
escritores, ligo para

as editoras. Peço, peço
passagem, peço tudo. Eu estou

para escrever há um tempinho
esse projeto na lei de

incentivo, essas coisas, mas eu
tenho uma preguiça, olha que

preguiça danada que eu tenho
para esse negócio. Pega

documento, vai daqui, alguém tem
que fazer isso pra mim. Como

ainda não aparece, aí... eu faço
por teimosia, eu faço porque eu

acredito que o escritor,
escritor trancado, trancafiado

o tempo inteiro não é bom
para o juízo dele, não.

Admiro quem faça isso, mas eu
tenho uma inquietação básica,

uma vontade de realizar as
coisas. A gente tem que lembrar,

sempre falo, que eu sou um
escritor contemporâneo,

no Brasil. E outra: em um tempo
em que... que importância tem um

escritor diante de tanta coisa
que tem acontecido? Hoje,

para você, para uma pessoa
pegar um livro seu, tem

que abandonar a internet. Hoje a
pessoa tem 1.500 músicas que a

pessoa carrega dentro do bolso,
celular que apita, toca, tira

fotografia, faz barba... não é
verdade? DVD. Você leva o

cinema, mas você leva o
making-off, você leva a

entrevista, você leva extras,
extras e extras. Tudo hoje

é mais. Tudo é mais, não é?
Aí a pessoa vai abandonar

todos esses apelos para pensar

em entrar em uma livraria, para

procurar um livro. Ele não
vai procurar meu livro, ele

vai procurar aqueles autores
que ele já ouviu. Depois

de eles todos... "Ah, eu vou
pegar um livro ali na livraria",

sorte dele se encontrar um
livro meu! E sorte, veja bem,

ele chega na estante de um
autor contemporâneo, que

ele nunca ouviu falar, pega o
meu livro e leva esse livro

para casa. É um milagre! Então
por isso que eu tenho que

batalhar o tempo inteiro. Eu
tenho que lembrar que eu sou

escritor. E aí, para isso, eu
preciso estar movimentando a

cena literária, eu preciso estar
viajando. Onde me convida

eu vou, entendeu? Se me
convida para um velório, eu vou.

Eu já pensei em um circuito
literário nos velórios. Porque

o pessoal passa às vezes é uma
noite inteira ali, e tem uma

saudade, um movimento propício
ali, porque a pessoa está com

saudade de um ente querido, do
marido que está indo embora,

aí você lê uma poesia bonita
do Vinícius de Moraes, aí

todo mundo cai no choro.
Aquilo... [risos]

♪

[MARCELINO] "'O quê?'," 'A
culpa é do carro', 'Hã?'

'Do carro'', 'A culpa é do carro?'', 'Sim, não vê?'

'O quê?'', 'A guerra na Arábia Saudita, na Cochinchina, sei

lá. A culpa é do carro. Do combustível. Do petróleo.

Do gás. Da gasolina'', 'Agora mais essa...'

'Da guerra. Sim, da guerra. Da carnificina. Por que é que

eles brigam, meu caro? Por causa do carro. Entendeu?

A roda nos fodeu. Antes a gente tivesse no tempo

do jumento. Até o jumento virou moto. Não viu? Um dia

saiu na televisão'', 'Eu acho que você está ficando

doido'', 'A culpa é do carro, meu irmão''. "'Olha aí: por que você

acha que o pessoal queima ônibus, camburão, foguete?

Eu sei. E explico: é porque querem atacar a cidade.

Entende? Pela sua fina sensibilidade. É onde a

sociedade dói. Fica assustada quando vê um monte

de corpo queimado, lá dentro. No inferno.

Gente carbonizada. Chamuscada. Tanto aqui como na

França. Morre até criança. Culpa do carro. Do carro, do

carro. Este monstro. O aquecimento global, de onde

vem? O degelo? O fim da Amazônia, pensa bem''. 'Juro.

Eu estou ficando com medo

deste discurso, sem fim.

Sei não. Você já procurou
um psicólogo? Sua mãe, o

que acha? Seu pai? Sua tia?
Sua namorada?', 'Acabei o

namoro, não sabia?', 'Com a
Marília?', 'É. Por causa

do carro', 'Putá que pariu!
Vai tomar no... você

está me enchendo o saco',
'Foi o que a Marília me

falou. Assim, na lata. Pô.
Falou da potência. Achava

a minha Brasília muito devagar.
Quase parando. Tinha

vergonha de entrar. Nem no
estofamento me beijava. A gente

não fazia amor. Por causa dele.
Do carro, caralho! Faltava

tesão para se jogar nos
meus braços. Ela queria

outro destino. Dizia que
seu corpo nu, lindo,

lindo, não combinava com
pneu careca. Com o meu

descuido. Esta minha vontade
de mudar o mundo. Ela não

entendeu, pô! Como você ainda
não se ligou. O tanto que

o carro está destruindo o
ser humano. Já estamos, faz

tempo, por um triz, na
corda-bamba, no meio-fio.

Por causa de quem, me diz. Este
meu coração que não bate bem',

'Chega, chega, chega,
chega', 'Quem disse que

adianta buzinar, hein? Não sabe?
Não lembra? Não viu? Estamos

no Brasil'', Puta que pariu! Tá,
tá, vou indo...'', ''Para onde?

Não vê que está vermelho? Quem
disse que o sinal abriu?''".

♪